

RAZÃO E EMOÇÃO

Dada a tradição na cultura ocidental de que emoção e razão são fenômenos da existência humana distintos entre si e que a emoção é um resquício longínquo da nossa evolução que não deve atrapalhar nosso raciocínio lógico, vemos a necessidade de apresentar, neste capítulo, as atuais proposições neurocientíficas acerca do assunto, com o intuito de convencer o leitor de que a emoção é parte integrante do sistema nervoso que constitui um organismo e que, portanto, está presente em todas as suas manifestações.

O que chamamos de emoção é uma sensação consciente de um estado fisiológico e mental. No entanto, as neurociências vêm estudando esse fenômeno e distinguindo os seus diversos componentes. Segundo um modelo apresentado pelo neurocientista Antonio Damasio,¹ o termo emoção representa especificamente um conjunto de manifestações orgânicas que, como a própria etimologia da palavra diz (emoção do latim *emovere* = mover para fora), são movimentos de sistemas fisiológicos envolvidos com uma resposta do organismo a situações do ambiente. Essas manifestações orgânicas são chamadas aqui de *reações emocionais*. Tais reações desencadeiam percepções sensoriais, que nos fazem sentir as alterações orgânicas de batimento cardíaco, de frequência respiratória, entre outras.

No entanto, a percepção sensorial desses movimentos ainda não é a sensação que conscientizamos do nosso estado fisiológico e mental. É necessário acrescentar os *sentimentos* de prazer e desprazer que definem uma outra dimensão da conscientização das emoções. Duas *reações emocionais* muito semelhantes geram consequentemente *percepções emocionais* também semelhantes. Tomemos como exemplo duas situações descritas, uma como excitação (prazer) e outra como apreensão (desprazer), que desencadeiem como *reação emocional* um aumento do batimento cardíaco, um aumento da frequência respiratória, sudorese, entre outras.